



**LIÇÕES DE CATECISMO: BREVE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS MENTALIDADES ATRAVÉS DA IGREJA CATÓLICA**

JORGE EDUARDO FONTES LEITE  
NA MARIA LOURENÇO DE AZEVEDO

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

**LIÇÕES DE CATECISMO: BREVE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS MENTALIDADES ATRAVÉS DA IGREJA CATÓLICA**

Eixo Temático: Educação, Cultura e Religião

## RESUMO

Este texto é parte de uma pesquisa que busca refletir sobre a reconstrução histórica do processo de formação das mentalidades através da Religião Católica em Sergipe no período de 1910 a 1968, desenvolvendo um estudo interpretativo para proceder a análise da mentalidade da Igreja, relacionada com as suas tomadas de posição e o seu percurso histórico na tentativa para se manter hegemônica na sociedade. As produções referentes à religião católica na historiografia ainda são incipientes muitas vezes revestidas de uma vivência eclesial e uma postura analítica teológica sem um distanciamento crítico, necessário à investigação científica. Tecemos uma breve trajetória histórica que nos permite perceber a importância do papel da Igreja católica na formação da mentalidade da sociedade sergipana.

Palavras Chave: igreja católica, mentalidade, historiografia

### ABSTRAT

This text is part of a research that seeks to reflect on the historical reconstruction of the formation of mentalities process through the Catholic Religion in Sergipe in the period 1910 to 1968, developing an interpretive study to carry out analysis of the Church's mentality, related to their stances and its historical path in trying to maintain hegemony in society. The productions related to the Catholic religion in historiography are still incipient often coated with an ecclesial experience and theological analytical posture without a critical distance necessary for scientific research. We weave a brief historical background which allows us to realize the important role of the Catholic Church in shaping the mentality of Sergipe society.

Keywords: catholic church, mentality, history

# 1 REFLEXÕES INICIAIS

Este texto, parte de uma pesquisa em andamento numa perspectiva historiográfica - uma reconstituição histórica de um estudo sobre a formação da mentalidade católica em Sergipe, no período de 1910 a 1968, valendo-se de fontes diversificadas, mas essencialmente a partir da análise dos Catecismos que poderão mapear a trajetória histórica desse processo.

Compreendo que todo discurso religioso carrega consigo as vestimentas sagradas – sagrado como algo intocável e inatingível. Parece que a Igreja cultivou um discurso religioso, um discurso sagrado também coerente com esse conceito não permitindo que se constituísse objeto de conhecimento do historiador, que por vezes tende a encarar as análises desse discurso com referenciais teológicos; o que sem dúvida pode comprometer o trabalho.

A Igreja adota uma postura discursiva que lhe permite manter um estatuto próprio, porém não se pode negar que esses discursos são essencialmente uma construção dos homens que viveram numa determinada configuração histórica e num determinado contexto.

Nas mais remotas civilizações, o homem já demonstrava a sua necessidade do divino – deus fogo, deus lua, deus sol, evidenciando a condição do ser humano na busca de algo sagrado, superior. Evoluindo, o homem assume postura de questionamentos, vive tentando se adaptar às novas inquietudes contemporâneas, gerando novos modelos de produzir conhecimentos e crenças diversas. Culturas e tradições marcam o cotidiano das comunidades e ao longo da história da humanidade, a religião contribuiu de forma indiscutível no seu comportamento; na formação cultural do homem, arquitetando muitas vezes modelos de conformação e aceitação da realidade.

Este estudo é assim, recorte de uma pesquisa de estudo da formação da mentalidade através da Igreja Católica em Sergipe no período mencionado, dimensionando sua importância, integrando três universos distintos. A atuação da Igreja Católica nos anos de 1910 a 1968 e sua relação com a sociedade; igreja como articuladora dos processos culturais, a relação de poder entre a Igreja e o Estado, a influência da igreja no processo de formação cultural; costumes, rituais, que o passado relega ao presente na formação de jovens e adolescentes que são foco das lições de catecismos.

Tomando como parâmetro leituras iniciais pude verificar que a historiografia religiosa brasileira (e especialmente sergipana) ainda se ressentida da publicação de trabalhos / produções que venham subsidiar novas reflexões e reconstruções do tema proposto. Estudos voltados para a religião católica em Sergipe e sua influência na sociedade ainda são escassos. Temos alguns trabalhos como SANTOS[1] que se propõe verificar a reação católica da região de Laranjeiras em Sergipe frente à implantação da primeira igreja presbiteriana, analisando os embates que essa luta provocou. Destacamos também um estudo da profa Beatriz Dantas sobre as chamadas religiões alto-brasileiras e o catolicismo.[2]

A Igreja Católica ao longo da história caracterizou-se pelo enorme poder de resistir e adaptar-se às mudanças da sociedade. Na tentativa de conter a reforma abre uma frente de luta com a instalação do tribunal do Santo Ofício introduzido em Portugal em 17 de dezembro de 1536, que estaria no Brasil-Colônia em 1591 permanecendo até 31 de março de 1821, sendo extinto pelo Decreto das Cortes Constituintes de Portugal.

A Inquisição e seu ímpeto incinerador é bastante lembrado, mas muito menos é para todos a lembrança de Calvino que ordena queimar Servetus sob os aplausos de Melancton e dos católicos, sacrificado por suas posições antitrinitaristas, o que denota a intolerância e o poder da igreja.

Para fazer frente a um mundo que se afastava cada vez mais de suas idéias, de sua influência, a Igreja católica adota como importante arma nessa luta o Tribunal do Santo Ofício que segundo Novinsky “*Era um tribunal régio, tal como fora concedido a D. João III cabendo-lhe a nomeação dos inquisidores, independente da Santa Fé*”. (apud NUNES. 1992, p. 399).

A Inquisição poderia ser definida como a Instituição da Igreja Católica Apostólica Romana que surgiu com o propósito de castigar os heréticos no que significava combater a liberdade de pensamento, as novas ideias brotadas no movimento renascentista que colocavam o homem no centro de tudo, visando especialmente os cristãos novos, representantes da burguesia comercial em ascensão. Outra frente de luta da Inquisição visava o combate da corrupção dos valores da sociedade como a bigamia e a magia e superstições populares, o que implica no nosso país grande parte das práticas dos índios e negros.

É importante lembrar que a Inquisição não tinha somente a intenção de inibir práticas heréticas em território brasileiro, mas também refrear a incursão e “contaminação de ideias” de piratas holandeses, franceses e ingleses que

desembarcavam na costa brasileira. Há vários relatos do combate às práticas religiosas de negros e índios, e novos cristãos, punindo os que praticavam atos de magia e bigamia. A Inquisição fez muitas vítimas, os crimes imputados eram quase sempre práticas fetichistas e calvinistas, não cumprimento dos preceitos católicos e refletem a sociedade caótica e heterogênea existente. Segundo Nunes (1992:394) a sociedade sergipana daquele período era composta de brancos desgarrados dos lares em busca de riquezas, mestiços que surgiram do cruzamento com os nativos da terra. No séc. XIX, a recém criada capitania de Sergipe Del'Rey, em pleno desenvolvimento, atraía na dispersão da população rarefeita que ocupava seu território, a entrada de cristãos novos, que aí poderiam passar despercebidos. Com eles ocorreu o que sucedeu em outras regiões da colônia;

[...] Miscigenou-se com a população nativa, criou raízes profundas na nova terra, integrando-se plenamente na organização social e política local. Esta organização ao mesmo tempo em que permitiu a integração e a acomodação do cristão-novo, sofreu reciprocamente, desta profunda influência. (NOVINSKY apud NUNES, 1992, p. 394).

De um modo mais amplo não há interesse pela Inquisição nesse trabalho, mas se coloca como parte de um contexto que pode contribuir com nossas reflexões sobre o entendimento do poder da Igreja, uma vez que nosso objeto de estudo passa pelo estudo da mentalidade da Igreja relacionada com os caminhos e tomadas de posição do catolicismo. O estudo da mentalidade constitui-se uma vertente da historiografia contemporânea. Temos a clareza de que o conhecimento histórico não pode ser dissociado enquanto é construído do contexto histórico concreto em que ocorre. E não se faz sem o sentido cultural que está em circulação.

Acredito que a história é um processo de descontinuidade, de rupturas e a periodização possui uma fundamental importância metodológica, uma vez que supõe uma história "acontecimental" pois periodizar significa romper a linearidade, "os acontecimentos são retirados do traçado horizontal e enformados por significados mais amplos".

Historicamente a religião ou melhor dizendo a religiosidade é gerada pela condição existencial humana e concordando com Kolaiaskovsky de que *"a religião na verdade, é tida muito mais que uma coletânea de afirmações sobre Deus, a providência, o céu e o inferno, é consciência da insuficiência humana, vivida na admissão da fraqueza"*.

A opção pela religião católica por ter sido a religião dos conquistadores do Brasil, país que ao mesmo tempo foi colonizado e catequizado pelo grupo de missionários jesuítas representantes da Contra-Reforma ibérica, país que é considerado oficialmente católico por quase quatro séculos, mesmo com a diversidade de religiões atualmente existentes no Brasil há uma identidade cristã. O Brasil pode não ser totalmente uma nação católica, mas com certeza é uma nação cristã, onde o catolicismo predomina – é a religião culturalmente hegemônica, haja visto, o censo demográfico de 1990: os católicos eram em número de 121 milhões, tendo como segundo lugar nessa estatística a religião protestante com 3% da população.

Dessa forma, conhecer o cristianismo, filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental é condição fundamental para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos. É esta concepção de religião que tem influenciado a arte, a literatura, a história a arquitetura, há quase dois mil anos.

## 2 DESENVOLVIMENTO

As reflexões sobre o tema proposto partem do princípio de que a Igreja Católica é uma das poucas instituições que conseguiu resistir e adaptar-se à sociedade sendo graças a esse processo de conservadora resistência que a igreja essencialmente no mundo ocidental deixou-se secularizar.

Por mais que se pense porque os homens fazem religião não encontramos uma única resposta única. A religião é enigmática, mas na verdade não se tem notícia de nenhuma cultura que não a tenha produzido, mesmo que de diferentes abordagens. Furbach a concebia como *"o solene desvelar dos segredos ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública de seus segredos de amor"*.

Para Gertz (1989) religião é:

[...] um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradas disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (1989, p. 105)

O homem tem sido muito dependente em relação aos sistemas simbólicos, pois os símbolos criados pelo homem podem 'organizar seu mundo cultural'. Os símbolos podem lhes dar um ajuste na sua viabilidade como ser humano. Só o homem é um animal criador de linguagens e de linguagens simbólicas. Assim,

[...] nossos bens mais valiosos são sempre os símbolos de orientação geral na natureza, na terra, na sociedade e naquilo

que estamos fazendo (...). Em consequência o ritual de comer, lavar, fazer fogo, etc, é incorporado pelas sociedades primitivas tanto às atividades comuns como ao cerimonial puro, a necessidade de reafirmar o moral tribal e de reconhecer suas condições cósmicas é sentida constantemente. Na Europa cristã, a Igreja fazia os homens se ajoelharem diariamente (em algumas ordens até mesmo a cada hora), para reencenar ou ao menos contemplar a afirmação dos seus conceitos definitivos “. (LANGER apud GERTZ, 1989, p. 114)

Considero que a importância da religião está na capacidade de atender, de servir ao homem como individual, ou a um grupo como fonte de conceitos gerais, como modelo ou como uma função cultural, conceitos religiosos que vão além de seu arcabouço metafísico fornecendo ideias gerais com significados moral, intelectual, emocional. Desse modo quando a Igreja Católica fala do pecado original está traduzindo também uma atitude de recomendação em relação à vida; a religião adota também um papel sócio-cultural. A religião nunca é apenas metafísica, O sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. *“Formulado como Mana, como Brahma, ou como santíssima trindade, aquilo que é colocado à parte, como além do mundano, é considerado inevitavelmente como tendo implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana”*. A religião expressa seu poder coercitivo e fundamenta suas exigências na existência humana. Os significados que são armazenados nos símbolos, por exemplo o cachimbo como símbolo da paz, da solidariedade social nos faz pensar que a religião é um conjunto de símbolos sagrados construídos num todo ordenado culturalmente. A interpretação dos símbolos sagrados está de acordo com uma dada realidade e variam de cultura para cultura. Assim uma ética brasileira num mundo Navajo, ou numa comunidade muçulmana pareceria inapropriada, pois estaria distante culturalmente de sua realidade posta. É importante a compreensão da religião como um aspecto da cultura.

Um dos maiores ícones da Igreja; a cruz bem como as imagens dos Santos são dimensionados da seguinte forma:

Na trilha da doutrina divinamente inspirada dos nossos santos padres e da tradição da igreja católica (...) definimos com toda a certeza que as veneráveis e santas imagens, bem como as representações da cruz preciosa e vivificante, sejam elas pintadas de mosaico ou de qualquer outra matéria apropriada, e devem ser colocadas nas Santas Igrejas de Deus, sobre os utensílios e as vestes sacras, sobre as paredes e em quadros, nas casa e nos caminhos, tanto a imagem do Nosso Senhor, Deus e salvador Jesus Cristo, quanto a de Nossa Senhora, a puríssima e santíssima mãe de Deus, dos santos anjos, de todos os santos e justos. (cf. JOÃO DAMASCENO. imag. 1.16-93 II Concílio de Nicéia, em 787, Doc. 111)

A contemplação dos ícones santos, associado à meditação da palavra de Deus e aos cantos litúrgicos para a igreja segundo “O catecismo da Igreja Católica” (1993) estimula e harmoniza os sinais da celebração para que o mistério celebrado se grave na memória e se exprima em seguida na vida nova dos fiéis.

Admitamos que com o progresso da história e a evolução da ciência, o homem afasta-se de suas ilusões religiosas. Para Augusto Comte das três fases do desenvolvimento humano a mais primitiva de todas seria a religião, depois a metafísica, substituída sob a forma científica, positiva de compreender a realidade. O movimento inicial do séc. XIII propõe a autonomia do homem que aprende a lidar com a realidade sem recorrer a Deus. Sabemos que na sociedade medieval o universo era extremamente religioso; tudo era regido como uma orquestra do cosmos pela vontade de um Todo Poderoso, até quando a Ciência se impondo vai demolindo esta ideia. A realidade não é mais formulada por hipóteses teológicas.

A religião, segundo algumas interpretações do mundo ocidental é uma falsa consciência e uma portadora do poder conservador. Dessa forma a religião tem adotado uma postura sacralizadora do *status quo*, sendo assim a ideologia de uma ordem que se estabeleceu pelo poder. Ainda segundo Alves (1988) a religião em nome da justiça, da fraternidade, tem também se constituído em uma fonte de críticas contra a ordem instaurada.

Muito antes do apogeu da ciência temos a religião como predominante. É sem dúvida instigante a percepção de que na história há alternâncias de funções que certos itens culturais exercem. É Mannheim (1972) quem nos chama a atenção para os universos simbólicos que num certo período estão utopicamente colocados e no outro tomam-se conservadores em suas funções; alguns revolucionários que ao se manter no poder tomam-se conservadores, a própria ciência que teve um início revolucionário e crítico e que perde progressivamente o seu sentido mais crítico tornando-se uma função explorável.

Fazendo uma breve incursão histórica vemos que a catequese no começo do Cristianismo busca sua identidade no meio de um mundo pagão. A Igreja desenvolveu uma constante preocupação com o ensino e vivência da fé cristã a partir do mandato do próprio Jesus Cristo; “Ide, fazei discípulos e ensinai o que vos ensinei.”, O cumprimento desse projeto da Igreja Católica está associado ao termo *catequese*, cujo significado etimológico é claro: *Katá — algo que vem do alto; Echéo-ékos: o ato de fazer ecoar. Assim catequese, catecismo, catequizar, são palavras que se originam do latim eclesiástico e, em época anterior do grego significando “fazer espalhar a novidade”, “ensinar a palavra”*.

O conteúdo primordial da catequese é a pessoa de Jesus Cristo (homem e Deus) e sua mensagem que revela ao

mundo o projeto divino e a missão de Jesus. Guardar o depósito da fé parece ser a missão que o senhor confiou à sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos. O catecismo esteve muitas vezes associado ao abecedário, no mesmo livro, um se utilizando do outro.

Na época apostólica já se delineava a apresentação da mensagem cristã em modalidades como; modalidade histórica; a vida de Jesus, da comunidade, dos apóstolos; doutrinal: mensagens em forma de fé; modalidade litúrgica; a celebração dos principais acontecimentos salvíficos através de festas, rituais orações e sobretudo dos sacramentos; moral: as virtudes cristãs a serem cultivadas, costumes que poderiam ser modificados de acordo com a mensagem de Deus.

O cristão possuía uma identidade que incluía a conversão a Jesus Cristo; assim a catequese que era desenvolvida na comunidade cristã era considerada como uma privilegiada mediação para o fiel conseguir aos poucos dentro da comunidade sistematizar seus conhecimentos e experiências cristãs, em vista de seu crescimento e crença na esperança e na caridade, sendo que a identidade buscada por todos os cristãos tinha como referencial Jesus Cristo, os evangelhos, o exemplo dos apóstolos, e as primeiras comunidades cristãs. A idéia de comunidade era reforçada pela necessidade de solidez nas convicções diante de um mundo hostil à fé e às contínuas experiências de perseguição.

No final do séc. II há uma mudança com relação ao trabalho individual de iniciação religiosa que é substituído por um trabalho grupal, trabalho este chamado *catecumenato* e que durava três anos segundo a tradição apostólica de Hipólito (c. 170-235 apud NERY. 1993).

O catecumenato

[...] não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma educação de toda a vida cristã e um tirocínio (aprendizado, exercício) de certa duração com o fim de unir os discípulos com o Cristo, seu mestre. Sejam os catecúmenos (candidatos à vida cristã) convenientemente iniciados à vida cristã. Através dos costumes evangélicos e pelos ritos sagrados que se celebram em tempos sucessivos, sejam introduzidos na fé da liturgia e da caridade do Povo de Deus. (AGI, 4).

Destacam-se alguns textos de catequese os de São Cirilo de Jerusalém, catequese mistagógica, e de Santo Agostinho, *De catechizandis rudibus*. Além disso foram criadas escolas de catequese em alguns lugares como por exemplo, Alexandria com a influência do catequista Orígenes.

Já na Idade Média, a partir do séc. V o catecumenato foi morrendo, sobretudo por batizar crianças, pois como sabemos o batismo<sup>[3]</sup> antigamente era uma prática religiosa ministrada somente para o adulto e em alguns casos para perdão dos pecados. O batismo assim como a confirmação e a eucaristia estão entre os sacramentos de iniciação cristã e têm semelhanças com a vida natural; nascimento, amadurecimento e sustentação. E tem o papel de libertar do pecado, tomando o cristão membro de Cristo. Em sua simbologia significa o mergulho nas águas, na pia batismal, o sepultamento do cristão, que emerge das águas batismais pela ressurreição tomando-se uma nova criatura. E é exatamente a catequese que ministrando a instrução, educando na fé acende a mente do fiel iluminando-a com a palavra, por isso se diz que o batizado toma-se “filho da luz” (1 Ts5, 51).

A imposição da religião como oficial faz marcas no sistema social que foi tomando uma configuração marcada pelo cristianismo onde dessa forma a catequese passa a ser realizada pelo meio ambiente cristão, ou seja, pela paróquia, família, convivências sociais, onde cada um e todos eram responsáveis pela educação religiosa e as crianças já nasciam sob o cunho da religião de natureza cristã, O grande livro do catecismo refletia o meio ambiente impregnado dos referenciais cristãos. Toda cultura referendava o espírito de religião; a arte, a escultura, a pintura, a música a o teatro, os vitrais, as festas. A liturgia ocupava boa parte dos dias considerados santificados pelos cristãos – o domingo, com procissões, rituais, ofício litúrgico, usos, costumes, cantos; tudo estava sob a égide do Cristianismo.

Para Nascimento no texto “A formação do homem civilizado”;

A sociedade na qual o grau de autocontrole dos impulsos e instintos é bastante elevado estabelece níveis de discrepância bastante acentuados no que diz respeito ao comportamento de crianças e adultos. O que a sociedade aprendeu durante séculos, as crianças da sociedade contemporânea tem que aprender no espaço de poucos anos (...) Desde o momento em que nascem as crianças são postas diante de preceitos, normas, censuras, pressões que vão modelando os hábitos aos padrões de comportamentos exigidos na sociedade. (1997, p. 37)

Dessa forma os comportamentos são adquiridos como se fossem por livre arbítrio e se tornam assim os comportamentos desejados socialmente dentro dos padrões culturais estabelecidos.

Nos séculos X e XII são elaboradas obras que trazem uma preocupação de organização dos conhecimentos religiosos com base na teologia do período histórico como “O elucidário de Honório d’Artur” (1095) no qual são as crianças que perguntam; “Disputatio puerorum per interrogationes et responsiones sobre o Credo” e Pater Noster. Foi marcante também Jean Gerson (1403), chanceler da universidade de Reims que escreveu vários tratados e catecismo.

É importante lembrar que já no séc. XII, a cristandade estava com problemas o que culminou com a revolta de Lutero no

século XVI. Nesse período a Igreja busca uma identidade frente ao protestantismo com a declaração de Lutero de que era necessário impedir a anarquia da igreja, fixando a doutrina e a disciplina. Para conseguir alcançar seus propósitos de reforma da Igreja recorre à Bíblia e com ela, à força da sistematização a fé do cristianismo apresentada pelo Catecismo. A Igreja Católica adota também o catecismo como uma alternativa para confirmar a convicção de seus fiéis e responder aos argumentos dos protestantes. É assim que podemos declarar que o Catecismo atinge um “status”, indiscutível como um dos instrumentos de “convencimento” da história da Reforma e da Contra-Reforma, na História do cristianismo.

Na defesa dos princípios da Igreja primitiva Lutero não se afastou inicialmente dos princípios tradicionais do catolicismo tradicional, adotou um caminho que estabelecia igrejas territoriais, com base no princípio do *Cuius regio, eius religio*. “De quem [é] a região, dele [se siga] a religião”. A questão da consciência passou a ser tratada como uma questão de disciplina. Em 1525 Lutero já defendia a supressão da missa pela força, em 1528, propôs a pena de morte para os anabatistas; em 1532, sugeriu a expulsão dos zwinglianos da Prússia, dadas suas divergências sobre a Eucaristia. Os luteranos são tidos como intolerantes e contraditórios, uma vez que não se esperaria ações como essas de uma religião que pregava a fé e reconhecia um sacerdote em cada cristão (WOORTMANN. 1991, p. 140).

A partir dos dois movimentos de Reforma e Contra-Reforma há uma tendência em oficializar a memorização mais do que a vivência da Palavra de Deus, o método das perguntas e respostas toma-se consagrado proporcionando a organização de uma estrutura paroquial para a assimilação do catecismo, onde o que importava mais era “saber bem a doutrina da Igreja”. Mesmo o Concílio de Trento (1545-1563) não abriu mão do catecismo como meio eficaz para a Contra-Reforma da Igreja Católica.

Considero que a Reforma terminou constituindo-se um marco da unificação da história cristã, uma vez que a Igreja Católica a partir daí, buscou cumprir modificações em suas práticas inspiradas na Bíblia; o protestantismo serve como ponte para o aprofundamento da consciência cristã e não como uma simples cisão.

Pedro Canisio nesse mesmo período publicava sua *Summa doctrinae christiana* composta de três volumes: Em 1555 publicou o maior; em 1556 o *minimus* para crianças, com 127 respostas catequéticas e 57 ilustrações litúrgicas preenchendo o que o Concílio de Trento desejava para as crianças. Foi publicado ainda um trabalho de Edmond Auger na França em 1563, um manual chamado “Catecismo ou Sumário da Religião Cristã,” que combatia o Catecismo e Calvino. Outra obra dessa época é do Cardeal Roberto Belarmino a pedido de Clemente III, em 1557 chamado “Síntese da doutrina Cristã; é evidente que pela influência que o cardeal exercia na sociedade de seu tempo a sua obra marca decisivamente os manuais de catecismos dali em diante, por vezes mais que o Catecismo de Trento.

Em 1564 D.

A América latina desde a chegada dos primeiros missionários através do Catecismo faz uma mediação do seu trabalho de evangelização junto aos indígenas. O descobrimento da América impõe um novo tempo, mas era preciso domesticá-la. Por exemplo em 1524 até 1572 no México houve uma produção de 109 catecismos em diversas línguas nativas, como também na América do Sul aparecem vários catecismos na língua nativa. Em Lima, 1576, sob a coordenação de Alonso de Barzona, é publicado um Catecismo em Quíchua y Aymara. O III Concílio de Lima aprovou o catecismo referido

Importante contribuição no Brasil deu-se com “O Catecismo em Língua Brasileira”, publicado por Pe. Antônio de Araújo (1566-1632), a partir de um material escrito anteriormente por Pe. José de Anchieta. Já em 1709, Frei Bemardes de Nantes, divulga seu catecismo Índico da Língua dos Kariris, mas o que predomina nessa época é o Catecismo Romano ou de Trento com a Cartilha do Mestre Inácio, sendo que fica inserida obrigatoriamente o catecismo jansenista de Montpellier por ordem do Marques de Pombal, logo após os jesuitas serem expulsos do Brasil.

Outra difusão importante do catecismo acontece no Brasil na segunda metade do século XIX quando muitos religiosos publicaram catecismos para suas respectivas dioceses, como no Estado do Pará, D. Romualdo de Souza Coelho, em Minas Gerais, D. Antônio Viçoso, D. Joaquim Manoel da Silveira no Maranhão com uma influência considerável do Concílio de Trento. É evidente que nessa época a Igreja sentia a influência de fortes mudanças na história e tentava se firmar. Essas mudanças tinham como causas a crise gerada pela industrialização da Europa e o pensamento marxista que predominava (cf. o papado de Leão XII principalmente a Encíclica Rerum Novarum) associado à perda de Estados pontifícios pela reunificação da Itália.

A dimensão religiosa busca sempre o estabelecimento de oposição entre o sagrado e o profano, pela negação da vida material em face da vida espiritual; frases imperiosas não nos deixa esquecer: “Lembra-te que és pó”. O homem está sempre na posição de devedor de Deus. Dessa forma a catequese e o ide de educação para a criança é o indivíduo que cultiva as virtudes da piedade, humildade, reverência, e obediência, mescladas à afetuosidade, à delicadeza. E desapego às vaidades do mundo.

Na década anterior, de 60, marco na história brasileira, funcionava o Instituto de Pastoral Catequética (ISPAC), que foi

trazido para o Brasil por ex-alunos brasileiros, da França, do Institut Supérieur de Pastorale Catechétique (ISPC). As Propostas de renovação da igreja conta ainda com um aliado. As Campanhas da Fraternidade que tiveram origem na região nordeste em 1964 e o Plano de Pastoral de Emergência da CNBB criado em 1962, cuja finalidade era a renovação da catequese. A crise do catecismo estava irradiada e alguns analistas da história apontam algumas limitações do catecismo: por exemplo os manuais eram escritos por teólogos, com rigor lógico, além disso, continha uma defesa fervorosa da fé católica contra as interpretações dos protestantes; estavam distantes das preocupações do dia-a-dia. É interessante notarmos que no século XX, na segunda metade considera-se as descobertas da pedagogia e da psicologia como o Método de Munique para a formação do indivíduo.

### 3 CONCLUSÕES POSSÍVEIS

O catecismo constitui-se com certeza uma marca importante no processo de reforma da Igreja católica como uma instância extremamente privilegiada, a ponto de, impor-se ao mundo católico e desempenhar um papel essencial na criação da identidade tridentina e no imaginário religioso social, sem esquecer que é ainda hoje um instrumento respeitável de apoio à catequese.

Na sociedade contemporânea o catecismo depois do Concílio Vaticano II (1962-1965) busca sua identidade face ao novo momento, evidenciando a ruína da identidade tridentina e delineando os traços de uma nova identidade para a Igreja Católica. São quatro os eixos norteadores dessa nova ordem catequética: a renovação da liturgia a renovação interna da igreja; a renovação da presença e missão da Igreja no mundo; a palavra de Deus, a retomada da Bíblia pelos católicos. O concílio Vaticano II não apresenta um catecismo universal, mas trata em diversos textos da importância da catequese.

Em 1968, na VI Semana Internacional de Catequese, acontecida em Medellín dá-se um passo para a renovação da catequese. Nesse novo contexto a metodologia deverá ser comunitária e participativa, as situações humanas deverão ser parte do conteúdo, a mensagem bíblica deve estar mais em confronto com a Bíblia.

Há um longo caminho para a construção do Novo Catecismo da Igreja Católica. É assim que o Papa João Paulo II nomeou uma comissão especial de cardeais e bispos com a tarefa de preparar um projeto do catecismo ou Compendio da Doutrina Católica para a Igreja Universal. No seu discurso o Papa diz “o catecismo não é a catequese, mas nem é apenas um meio ou instrumento”. entendemos que enquanto o catecismo é um compendio da doutrina da igreja, a catequese sendo aquela ação eclesial que conduz as comunidades a cada um dos cristãos, à maturidade da fé, transmite essa doutrina. Com uma metodologia adequada à idade, à cultura às circunstâncias. A importância do estudo do catecismo é grande, como está amplamente demonstrado a sua influência na catequese pela experiência multiseular da Igreja.

#### REFERÊNCIAS

- CÂMARA, Helder. **Utopias Peregrinas**. Editora UFPE, Recife: 1993.
- CANSI, Frei Bemard. **O Novo Catecismo: a celebração do mistério Cristão**. Ed Vozes, 1993.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Gallhardo. Ed Bertrand Brasil, Rio de Janeiro: 1990.
- DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos, e Outros Episódios da História Cultural Francesa**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1986.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Trad. Ruy Jungman. ed Zahar, Rio de Janeiro: 1994.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. LTC, Rio de Janeiro: 1989.
- LIBÂNIO, J. B. **Evangelização e Ideologia**. In: Convergência, ano VIII, n. 88, Petrópolis: 1975.
- LIMA, Jackson. **Estudos filosóficos em Sergipe**. Sociedade Editorial em Sergipe, Aracaju: 1995.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. 2 ed. Rio de Janeiro: 1972.
- MONTENEGRO, J. A. **A Evolução do Catolicismo no Brasil**. ed. Vozes, Petrópolis: 1972.
- NOVINSKY, Anita. **Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresias, e arte**. Edusp, São Paulo: 1987.
- Revista Educar-se, Secretaria do Estado do Desporto e do Lazer. texto **A formação do Homem Civilizado**. Jorge carvalho do Nascimento, ano 1, n 03, Aracaju: março 1997
- STORNIOLLO, Pe. Ivo. **Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje**. 9 ed, editora

Paulus, 1997.

TOBIAS, J. **A História das Ideias no Brasil**. EPU, São Paulo: 1987.

WARDE, Minam Jorge. **Americanismo e Educação: a fabricação do “Homem Novo”**. Projeto de Pesquisa do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação, História, Política e sociedade. PUC, São Paulo: 2000.

WOORTMANN, K. **Religião e Ciência no renascimento**. Ed Universidade, Brasília: 1997.

---

[1] SANTOS, Clézia. C. A Reação católica à implantação da Primeira Igreja Presbiteriana de Sergipe em Laranjeiras (1800-1900). Aracaju 1997, Monografia de Conclusão de Curso de História.

[2] DANTAS, Beatriz Góis. Vovô Nagô e papai Branco: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

[3] Enfatizamos que a concepção de batismo não podia ser separada da Palavra de Deus. Não é um ritual mágico que tem um poder intrínseco. “*Sem a palavra de Deus, a água é apenas água e não batismo*” (Catecismo da Igreja Católica, 1993)

# 1 REFLEXÕES INICIAIS

Este texto, parte de uma pesquisa em andamento numa perspectiva historiográfica - uma reconstituição histórica de um estudo sobre a formação da mentalidade católica em Sergipe, no período de 1910 a 1968, valendo-se de fontes diversificadas, mas essencialmente a partir da análise dos Catecismos que poderão mapear a trajetória histórica desse processo.

Compreendo que todo discurso religioso carrega consigo as vestimentas sagradas – sagrado como algo intocável e inatingível. Parece que a Igreja cultivou um discurso religioso, um discurso sagrado também coerente com esse conceito não permitindo que se constituísse objeto de conhecimento do historiador, que por vezes tende a encarar as análises desse discurso com referenciais teológicos; o que sem dúvida pode comprometer o trabalho.

A Igreja adota uma postura discursiva que lhe permite manter um estatuto próprio, porém não se pode negar que esses discursos são essencialmente uma construção dos homens que viveram numa determinada configuração histórica e num determinado contexto.

Nas mais remotas civilizações, o homem já demonstrava a sua necessidade do divino – deus fogo, deus lua, deus sol, evidenciando a condição do ser humano na busca de algo sagrado, superior. Evoluindo, o homem assume postura de questionamentos, vive tentando se adaptar às novas inquietudes contemporâneas, gerando novos modelos de produzir conhecimentos e crenças diversas. Culturas e tradições marcam o cotidiano das comunidades e ao longo da história da humanidade, a religião contribuiu de forma indiscutível no seu comportamento; na formação cultural do homem, arquitetando muitas vezes modelos de conformação e aceitação da realidade.

Este estudo é assim, recorte de uma pesquisa de estudo da formação da mentalidade através da Igreja Católica em Sergipe no período mencionado, dimensionando sua importância, integrando três universos distintos. A atuação da Igreja Católica nos anos de 1910 a 1968 e sua relação com a sociedade; igreja como articuladora dos processos culturais, a relação de poder entre a Igreja e o Estado, a influência da igreja no processo de formação cultural; costumes, rituais, que o passado relega ao presente na formação de jovens e adolescentes que são foco das lições de catecismos.

Tomando como parâmetro leituras iniciais pude verificar que a historiografia religiosa brasileira (e especialmente sergipana) ainda se ressentida da publicação de trabalhos / produções que venham subsidiar novas reflexões e reconstruções do tema proposto. Estudos voltados para a religião católica em Sergipe e sua influência na sociedade ainda são escassos. Temos alguns trabalhos como SANTOS[1] que se propõe verificar a reação católica da região de Laranjeiras em Sergipe frente à implantação da primeira igreja presbiteriana, analisando os embates que essa luta provocou. Destacamos também um estudo da profa Beatriz Dantas sobre as chamadas religiões alto-brasileiras e o catolicismo.[2]

A Igreja Católica ao longo da história caracterizou-se pelo enorme poder de resistir e adaptar-se às mudanças da

sociedade. Na tentativa de conter a reforma abre uma frente de luta com a instalação do tribunal do Santo Ofício introduzido em Portugal em 17 de dezembro de 1536, que estaria no Brasil-Colônia em 1591 permanecendo até 31 de março de 1821, sendo extinto pelo Decreto das Cortes Constituintes de Portugal.

A Inquisição e seu ímpeto incinerador é bastante lembrado, mas muito menos é para todos a lembrança de Calvino que ordena queimar Servetus sob os aplausos de Melancton e dos católicos, sacrificado por suas posições antitrinitaristas, o que denota a intolerância e o poder da igreja.

Para fazer frente a um mundo que se afastava cada vez mais de suas idéias, de sua influência, a Igreja católica adota como importante arma nessa luta o Tribunal do Santo Ofício que segundo Novinsky *“Era um tribunal régio, tal como fora concedido a D. João III cabendo-lhe a nomeação dos inquisidores, independente da Santa Fé”*. (apud NUNES. 1992, p. 399).

A Inquisição poderia ser definida como a Instituição da Igreja Católica Apostólica Romana que surgiu com o propósito de castigar os heréticos no que significava combater a liberdade de pensamento, as novas ideias brotadas no movimento renascentista que colocavam o homem no centro de tudo, visando especialmente os cristãos novos, representantes da burguesia comercial em ascensão. Outra frente de luta da Inquisição visava o combate da corrupção dos valores da sociedade como a bigamia e a magia e superstições populares, o que implica no nosso país grande parte das práticas dos índios e negros.

É importante lembrar que a Inquisição não tinha somente a intenção de inibir práticas heréticas em território brasileiro, mas também refrear a incursão e “contaminação de ideias” de piratas holandeses, franceses e ingleses que desembarcavam na costa brasileira. Há vários relatos do combate às práticas religiosas de negros e índios, e novos cristãos, punindo os que praticavam atos de magia e bigamia. A Inquisição fez muitas vítimas, os crimes imputados eram quase sempre práticas fetichistas e calvinistas, não cumprimento dos preceitos católicos e refletem a sociedade caótica e heterogênea existente. Segundo Nunes (1992:394) a sociedade sergipana daquele período era composta de brancos desgarrados dos lares em busca de riquezas, mestiços que surgiram do cruzamento com os nativos da terra. No séc. XIX, a recém criada capitania de Sergipe Del’Rey, em pleno desenvolvimento, atraía na dispersão da população rarefeita que ocupava seu território, a entrada de cristãos novos, que aí poderiam passar despercebidos. Com eles ocorreu o que sucedeu em outras regiões da colônia;

[...] Miscigenou-se com a população nativa, criou raízes profundas na nova terra, integrando-se plenamente na organização social e política local. Esta organização ao mesmo tempo em que permitiu a integração e a acomodação do cristão-novo, sofreu reciprocamente, desta profunda influência. (NOVINSKY apud NUNES, 1992, p. 394).

De um modo mais amplo não há interesse pela Inquisição nesse trabalho, mas se coloca como parte de um contexto que pode contribuir com nossas reflexões sobre o entendimento do poder da Igreja, uma vez que nosso objeto de estudo passa pelo estudo da mentalidade da Igreja relacionada com os caminhos e tomadas de posição do catolicismo. O estudo da mentalidade constitui-se uma vertente da historiografia contemporânea. Temos a clareza de que o conhecimento histórico não pode ser dissociado enquanto é construído do contexto histórico concreto em que ocorre. E não se faz sem o sentido cultural que está em circulação.

Acredito que a história é um processo de descontinuidade, de rupturas e a periodização possui uma fundamental importância metodológica, uma vez que supõe uma história “acontecimental” pois periodizar significa romper a linearidade, “os acontecimentos são retirados do traçado horizontal e enformados por significados mais amplos”.

Historicamente a religião ou melhor dizendo a religiosidade é gerada pela condição existencial humana e concordando com Kolaiaskovsky de que *“a religião na verdade, é tida muito mais que uma coletânea de afirmações sobre Deus, a providência, o céu e o inferno, é consciência da insuficiência humana, vivida na admissão da fraqueza”*.

A opção pela religião católica por ter sido a religião dos conquistadores do Brasil, país que ao mesmo tempo foi colonizado e catequizado pelo grupo de missionários jesuítas representantes da Contra-Reforma ibérica, país que é considerado oficialmente católico por quase quatro séculos, mesmo com a diversidade de religiões atualmente existentes no Brasil há uma identidade cristã. O Brasil pode não ser totalmente uma nação católica, mas com certeza é uma nação cristã, onde o catolicismo predomina – é a religião culturalmente hegemônica, haja visto, o censo demográfico de 1990: os católicos eram em número de 121 milhões, tendo como segundo lugar nessa estatística a religião protestante com 3% da população.

Dessa forma, conhecer o cristianismo, filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental é condição fundamental para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos. É esta concepção de religião que tem influenciado a arte, a literatura, a história a arquitetura, há quase dois mil anos.

## 2 DESENVOLVIMENTO

As reflexões sobre o tema proposto partem do princípio de que a Igreja Católica é uma das poucas instituições que conseguiu resistir e adaptar-se à sociedade sendo graças a esse processo de conservadora resistência que a igreja essencialmente no mundo ocidental deixou-se secularizar.

Por mais que se pense porque os homens fazem religião não encontramos uma única resposta única. A religião é enigmática, mas na verdade não se tem notícia de nenhuma cultura que não a tenha produzido, mesmo que de diferentes abordagens. Fierbách a concebia como “*o solene desvelar dos segredos ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública de seus segredos de amor*”.

Para Gertz (1989) religião é:

[...] um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradas disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (1989, p. 105)

O homem tem sido muito dependente em relação aos sistemas simbólicos, pois os símbolos criados pelo homem podem ‘organizar seu mundo cultural’. Os símbolos podem lhes dar um ajuste na sua viabilidade como ser humano. Só o homem é um animal criador de linguagens e de linguagens simbólicas. Assim,

[...] nossos bens mais valiosos são sempre os símbolos de orientação geral na natureza, na terra, na sociedade e naquilo que estamos fazendo (...). Em consequência o ritual de comer, lavar, fazer fogo, etc, é incorporado pelas sociedades primitivas tanto às atividades comuns como ao cerimonial puro, a necessidade de reafirmar o moral tribal e de reconhecer suas condições cósmicas é sentida constantemente. Na Europa cristã, a Igreja fazia os homens se ajoelharem diariamente (em algumas ordens até mesmo a cada hora), para reencenar ou ao menos contemplar a afirmação dos seus conceitos definitivos “. (LANGER apud GERTZ, 1989, p. 114)

Considero que a importância da religião está na capacidade de atender, de servir ao homem como individual, ou a um grupo como fonte de conceitos gerais, como modelo ou como uma função cultural, conceitos religiosos que vão além de seu arcabouço metafísico fornecendo ideias gerais com significados moral, intelectual, emocional. Desse modo quando a Igreja Católica fala do pecado original está traduzindo também uma atitude de recomendação em relação à vida; a religião adota também um papel sócio-cultural. A religião nunca é apenas metafísica, O sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. “*Formulado como Mana, como Brahma, ou como santíssima trindade, aquilo que é colocado à parte, como além do mundano, é considerado inevitavelmente como tendo implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana*”. A religião expressa seu poder coercitivo e fundamenta suas exigências na existência humana. Os significados que são armazenados nos símbolos, por exemplo o cachimbo como símbolo da paz, da solidariedade social nos faz pensar que a religião é um conjunto de símbolos sagrados construídos num todo ordenado culturalmente. A interpretação dos símbolos sagrados está de acordo com uma dada realidade e variam de cultura para cultura. Assim uma ética brasileira num mundo Navajo, ou numa comunidade muçulmana pareceria inapropriada, pois estaria distante culturalmente de sua realidade posta. É importante a compreensão da religião como um aspecto da cultura.

Um dos maiores ícones da Igreja; a cruz bem como as imagens dos Santos são dimensionados da seguinte forma:

Na trilha da doutrina divinamente inspirada dos nossos santos padres e da tradição da igreja católica (...) definimos com toda a certeza que as veneráveis e santas imagens, bem como as representações da cruz preciosa e vivificante, sejam elas pintadas de mosaico ou de qualquer outra matéria apropriada, e devem ser colocadas nas Santas Igrejas de Deus, sobre os utensílios e as vestes sacras, sobre as paredes e em quadros, nas casa e nos caminhos, tanto a imagem do Nosso Senhor, Deus e salvador Jesus Cristo, quanto a de Nossa Senhora, a puríssima e santíssima mãe de Deus, dos santos anjos, de todos os santos e justos. (cf. JOÃO DAMASCENO. imag. 1.16-93 II Concílio de Nicéia, em 787, Doc. 111)

A contemplação dos ícones santos, associado à meditação da palavra de Deus e aos cantos litúrgicos para a igreja segundo “O catecismo da Igreja Católica” (1993) estimula e harmoniza os sinais da celebração para que o mistério celebrado se grave na memória e se exprima em seguida na vida nova dos fiéis.

Admitamos que com o progresso da história e a evolução da ciência, o homem afasta-se de suas ilusões religiosas. Para Augusto Comte das três fases do desenvolvimento humano a mais primitiva de todas seria a religião, depois a metafísica, substituída sob a forma científica, positiva de compreender a realidade. O movimento inicial do séc. XIII propõe a autonomia do homem que aprende a lidar com a realidade sem recorrer a Deus. Sabemos que na sociedade medieval o universo era extremamente religioso; tudo era regido como uma orquestra do cosmos pela vontade de um

Todo Poderoso, até quando a Ciência se impondo vai demolindo esta ideia. A realidade não é mais formulada por hipóteses teológicas.

A religião, segundo algumas interpretações do mundo ocidental é uma falsa consciência e uma portadora do poder conservador. Dessa forma a religião tem adotado uma postura sacralizadora do *status quo*, sendo assim a ideologia de uma ordem que se estabeleceu pelo poder. Ainda segundo Alves (1988) a religião em nome da justiça, da fraternidade, tem também se constituído em uma fonte de críticas contra a ordem instaurada.

Muito antes do apogeu da ciência temos a religião como predominante. É sem dúvida instigante a percepção de que na história há alternâncias de funções que certos itens culturais exercem. É Mannheim (1972) quem nos chama a atenção para os universos simbólicos que num certo período estão utopicamente colocados e no outro tomam-se conservadores em suas funções; alguns revolucionários que ao se manter no poder tomam-se conservadores, a própria ciência que teve um início revolucionário e crítico e que perde progressivamente o seu sentido mais crítico tornando-se uma função explorável.

Fazendo uma breve incursão histórica vemos que a catequese no começo do Cristianismo busca sua identidade no meio de um mundo pagão. A Igreja desenvolveu uma constante preocupação com o ensino e vivência da fé cristã a partir do mandato do próprio Jesus Cristo; "Ide, fazei discípulos e ensinai o que vos ensinei.". O cumprimento desse projeto da Igreja Católica está associado ao termo *catequese*, cujo significado etimológico é claro: *Katá — algo que vem do alto; Echéo-ékos: o ato de fazer ecoar. Assim catequese, catecismo, catequizar, são palavras que se originam do latim eclesiástico e, em época anterior do grego significando "fazer espalhar a novidade", "ensinar a palavra".*

O conteúdo primordial da catequese é a pessoa de Jesus Cristo (homem e Deus) e sua mensagem que revela ao mundo o projeto divino e a missão de Jesus. Guardar o depósito da fé parece ser a missão que o senhor confiou à sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos. O catecismo esteve muitas vezes associado ao abecedário, no mesmo livro, um se utilizando do outro.

Na época apostólica já se delineava a apresentação da mensagem cristã em modalidades como; modalidade histórica; a vida de Jesus, da comunidade, dos apóstolos; doutrinal: mensagens em forma de fé; modalidade litúrgica; a celebração dos principais acontecimentos salvíficos através de festas, rituais orações e sobretudo dos sacramentos; moral: as virtudes cristãs a serem cultivadas, costumes que poderiam ser modificados de acordo com a mensagem de Deus.

O cristão possuía uma identidade que incluía a conversão a Jesus Cristo; assim a catequese que era desenvolvida na comunidade cristã era considerada como uma privilegiada mediação para o fiel conseguir aos poucos dentro da comunidade sistematizar seus conhecimentos e experiências cristãs, em vista de seu crescimento e crença na esperança e na caridade, sendo que a identidade buscada por todos os cristãos tinha como referencial Jesus Cristo, os evangelhos, o exemplo dos apóstolos, e as primeiras comunidades cristãs. A ideia de comunidade era reforçada pela necessidade de solidez nas convicções diante de um mundo hostil à fé e às contínuas experiências de perseguição.

No final do séc. II há uma mudança com relação ao trabalho individual de iniciação religiosa que é substituído por um trabalho grupal, trabalho este chamado *catecumenato* e que durava três anos segundo a tradição apostólica de Hipólito (c. 170-235 apud NERY. 1993).

O catecumenato

[...] não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma educação de toda a vida cristã e um tirocínio (aprendizado, exercício) de certa duração com o fim de unir os discípulos com o Cristo, seu mestre. Sejam os catecúmenos (candidatos à vida cristã) convenientemente iniciados à vida cristã. Através dos costumes evangélicos e pelos ritos sagrados que se celebram em tempos sucessivos, sejam introduzidos na fé da liturgia e da caridade do Povo de Deus. (AGI, 4).

Destacam-se alguns textos de catequese os de São Cirilo de Jerusalém, catequese mistagógica, e de Santo Agostinho, *De catechizandis rudibus*. Além disso foram criadas escolas de catequese em alguns lugares como por exemplo, Alexandria com a influência do catequista Orígenes.

Já na Idade Média, a partir do séc. V o catecumenato foi morrendo, sobretudo por batizar crianças, pois como sabemos o batismo<sup>[3]</sup> antigamente era uma prática religiosa ministrada somente para o adulto e em alguns casos para perdão dos pecados. O batismo assim como a confirmação e a eucaristia estão entre os sacramentos de iniciação cristã e têm semelhanças com a vida natural; nascimento, amadurecimento e sustentação. E tem o papel de libertar do pecado, tomando o cristão membro de Cristo. Em sua simbologia significa o mergulho nas águas, na pia batismal, o sepultamento do cristão, que emerge das águas batismais pela ressurreição tomando-se uma nova criatura. E é exatamente a catequese que ministrando a instrução, educando na fé acende a mente do fiel iluminando-a com a palavra, por isso se diz que o batizado toma-se "filho da luz" (1 Ts5, 51).

A imposição da religião como oficial faz marcas no sistema social que foi tomando uma configuração marcada pelo

cristianismo onde dessa forma a catequese passa a ser realizada pelo meio ambiente cristão, ou seja, pela paróquia, família, convivências sociais, onde cada um e todos eram responsáveis pela educação religiosa e as crianças já nasciam sob o cunho da religião de natureza cristã, O grande livro do catecismo refletia o meio ambiente impregnado dos referenciais cristãos. Toda cultura referendava o espírito de religião; a arte, a escultura, a pintura, a música a o teatro, os vitrais, as festas. A liturgia ocupava boa parte dos dias considerados santificados pelos cristãos – o domingo, com procissões, rituais, ofício litúrgico, usos, costumes, cantos; tudo estava sob a égide do Cristianismo.

Para Nascimento no texto “A formação do homem civilizado”;

A sociedade na qual o grau de autoconfinamento dos impulsos e instintos é bastante elevado estabelece níveis de discrepância bastante acentuados no que diz respeito ao comportamento de crianças e adultos. O que a sociedade aprendeu durante séculos, as crianças da sociedade contemporânea tem que aprender no espaço de poucos anos (...) Desde o momento em que nascem as crianças são postas diante de preceitos, normas, censuras, pressões que vão modelando os hábitos aos padrões de comportamentos exigidos na sociedade. (1997, p. 37)

Dessa forma os comportamentos são adquiridos como se fossem por livre arbítrio e se tornam assim os comportamentos desejados socialmente dentro dos padrões culturais estabelecidos.

Nos séculos X e XII são elaboradas obras que trazem uma preocupação de organização dos conhecimentos religiosos com base na teologia do período histórico como “O elucidário de Honório d’Artur” (1095) no qual são as crianças que perguntam; “Disputatio puerorum per interrogationes et responsiones sobre o Credo” e Pater Noster. Foi marcante também Jean Gerson (1403), chanceler da universidade de Reims que escreveu vários tratados e catecismo.

É importante lembrar que já no séc. XII, a cristandade estava com problemas o que culminou com a revolta de Lutero no século XVI. Nesse período a Igreja busca uma identidade frente ao protestantismo com a declaração de Lutero de que era necessário impedir a anarquia da igreja, fixando a doutrina e a disciplina. Para conseguir alcançar seus propósitos de reforma da Igreja recorre à Bíblia e com ela, à força da sistematização a fé do cristianismo apresentada pelo Catecismo. A Igreja Católica adota também o catecismo como uma alternativa para confirmar a convicção de seus fiéis e responder aos argumentos dos protestantes. É assim que podemos declarar que o Catecismo atinge um “status”, indiscutível como um dos instrumentos de “convencimento” da história da Reforma e da Contra-Reforma, na História do cristianismo.

Na defesa dos princípios da Igreja primitiva Lutero não se afastou inicialmente dos princípios tradicionais do catolicismo tradicional, adotou um caminho que estabelecia igrejas territoriais, com base no princípio do *Cuius regio, eius religio*. “De quem [é] a região, dele [se siga] a religião”. A questão da consciência passou a ser tratada como uma questão de disciplina. Em 1525 Lutero já defendia a supressão da missa pela força, em 1528, propôs a pena de morte para os anabatistas; em 1532, sugeriu a expulsão dos zwinglianos da Prússia, dadas suas divergências sobre a Eucaristia. Os luteranos são tidos como intolerantes e contraditórios, uma vez que não se esperaria ações como essas de uma religião que pregava a fé e reconhecia um sacerdote em cada cristão (WOORTMANN. 1991, p. 140).

A partir dos dois movimentos de Reforma e Contra-Reforma há uma tendência em oficializar a memorização mais do que a vivência da Palavra de Deus, o método das perguntas e respostas toma-se consagrado proporcionando a organização de uma estrutura paroquial para a assimilação do catecismo, onde o que importava mais era “saber bem a doutrina da Igreja”. Mesmo o Concílio de Trento (1545-1563) não abriu mão do catecismo como meio eficaz para a Contra-Reforma da Igreja Católica.

Considero que a Reforma terminou constituindo-se um marco da unificação da história cristã, uma vez que a Igreja Católica a partir daí, buscou cumprir modificações em suas práticas inspiradas na Bíblia; o protestantismo serve como ponte para o aprofundamento da consciência cristã e não como uma simples cisão.

Pedro Canisio nesse mesmo período publicava sua *Summa doctrinae christiana* composta de três volumes: Em 1555 publicou o maior; em 1556 o *minimus* para crianças, com 127 respostas catequéticas e 57 ilustrações litúrgicas preenchendo o que o Concílio de Trento desejava para as crianças. Foi publicado ainda um trabalho de Edmond Auger na França em 1563, um manual chamado “Catecismo ou Sumário da Religião Cristã,” que combatia o Catecismo e Calvino. Outra obra dessa época é do Cardeal Roberto Belarmino a pedido de Clemente III, em 1557 chamado “Síntese da doutrina Cristã; é evidente que pela influência que o cardeal exercia na sociedade de seu tempo a sua obra marca decisivamente os manuais de catecismos dali em diante, por vezes mais que o Catecismo de Trento.

Em 1564 D.

A América latina desde a chegada dos primeiros missionários através do Catecismo faz uma mediação do seu trabalho de evangelização junto aos indígenas. O descobrimento da América impõe um novo tempo, mas era preciso domesticá-la. Por exemplo em 1524 até 1572 no México houve uma produção de 109 catecismos em diversas línguas nativas, como também na América do Sul aparecem vários catecismos na língua nativa. Em Lima, 1576, sob a coordenação de Alonso de Barzona, é publicado um Catecismo em Quíchua y Aymara. O III Concílio de Lima aprovou o

catecismo referido

Importante contribuição no Brasil deu-se com “O Catecismo em Língua Brasílica”, publicado por Pe. Antônio de Araújo (1566-1632), a partir de um material escrito anteriormente por Pe. José de Anchieta. Já em 1709, Frei Bemardes de Nantes, divulga seu catecismo Índico da Língua dos Kariris, mas o que predomina nessa época é O Catecismo Romano ou de Trento com a Cartilha do Mestre Inácio, sendo que fica inserida obrigatoriamente o catecismo jansenista de Montpellier por ordem do Marques de Pombal, logo após os jesuítas serem expulsos do Brasil.

Outra difusão importante do catecismo acontece no Brasil na segunda metade do século XIX quando muitos religiosos publicaram catecismos para suas respectivas dioceses, como no Estado do Pará, D. Romualdo de Souza Coelho, em Minas Gerais, D. Antônio Viçoso, D. Joaquim Manoel da Silveira no Maranhão com uma influência considerável do Concílio de Trento. É evidente que nessa época a Igreja sentia a influência de fortes mudanças na história e tentava se firmar. Essas mudanças tinham como causas a crise gerada pela industrialização da Europa e o pensamento marxista que predominava (cf. o papado de Leão XII principalmente a Encíclica Rerum Novarum) associado à perda de Estados pontifícios pela reunificação da Itália.

A dimensão religiosa busca sempre o estabelecimento de oposição entre o sagrado e o profano, pela negação da vida material em face da vida espiritual; frases imperiosas não nos deixa esquecer: *“Lembra-te que és pó”*. O homem está sempre na posição de devedor de Deus. Dessa forma a catequese e o ide de educação para a criança é o indivíduo que cultiva as virtudes da piedade, humildade, reverência, e obediência, mescladas à afetuosidade, à delicadeza. E desapego às vaidades do mundo.

Na década anterior, de 60, marco na história brasileira, funcionava o Instituto de Pastoral Catequética (ISPAC), que foi trazido para o Brasil por ex-alunos brasileiros, da França, do Institut Supérieur de Pastorale Catechétique (ISPC). As Propostas de renovação da igreja conta ainda com um aliado. As Campanhas da Fraternidade que tiveram origem na região nordeste em 1964 e o Plano de Pastoral de Emergência da CNBB criado em 1962, cuja finalidade era a renovação da catequese. A crise do catecismo estava irradiada e alguns analistas da história apontam algumas limitações do catecismo: por exemplo os manuais eram escritos por teólogos, com rigor lógico, além disso, continha uma defesa fervorosa da fé católica contra as interpretações dos protestantes; estavam distantes das preocupações do dia-a-dia. É interessante notarmos que no século XX, na segunda metade considera-se as descobertas da pedagogia e da psicologia como o Método de Munique para a formação do indivíduo.

### 3 CONCLUSÕES POSSÍVEIS

O catecismo constitui-se com certeza uma marca importante no processo de reforma da Igreja católica como uma instância extremamente privilegiada, a ponto de, impor-se ao mundo católico e desempenhar um papel essencial na criação da identidade tridentina e no imaginário religioso social, sem esquecer que é ainda hoje um instrumento respeitável de apoio à catequese.

Na sociedade contemporânea o catecismo depois do Concílio Vaticano II (1962-1965) busca sua identidade face ao novo momento, evidenciando a ruína da identidade tridentina e delineando os traços de uma nova identidade para a Igreja Católica. São quatro os eixos norteadores dessa nova ordem catequética: a renovação da liturgia a renovação interna da igreja; a renovação da presença e missão da Igreja no mundo; a palavra de Deus, a retomada da Bíblia pelos católicos. O concílio Vaticano II não apresenta um catecismo universal, mas trata em diversos textos da importância da catequese.

Em 1968, na VI Semana Internacional de Catequese, acontecida em Medellín dá-se um passo para a renovação da catequese. Nesse novo contexto a metodologia deverá ser comunitária e participativa, as situações humanas deverão ser parte do conteúdo, a mensagem bíblica deve estar mais em confronto com a Bíblia.

Há um longo caminho para a construção do Novo Catecismo da Igreja Católica. É assim que o Papa João Paulo II nomeou uma comissão especial de cardeais e bispos com a tarefa de preparar um projeto do catecismo ou Compendio da Doutrina Católica para a Igreja Universal. No seu discurso o Papa diz *“o catecismo não é a catequese, mas nem é apenas um meio ou instrumento”*. entendemos que enquanto o catecismo é um compendio da doutrina da igreja, a catequese sendo aquela ação eclesial que conduz as comunidades a cada um dos cristãos, à maturidade da fé, transmite essa doutrina. Com uma metodologia adequada à idade, à cultura às circunstâncias. A importância do estudo do catecismo é grande, como está amplamente demonstrado a sua influência na catequese pela experiência multiseccular da Igreja.

[1] SANTOS, Clézia. C. A Reação católica à implantação da Primeira Igreja Presbiteriana de Sergipe em Laranjeiras (1800-1900). Aracaju 1997, Monografia de Conclusão de Curso de História.

[2] DANTAS, Beatriz Góis. Vovô Nagô e papai Branco: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

[3] Enfatizamos que a concepção de batismo não podia ser separada da Palavra de Deus. Não é um ritual mágico que tem um poder intrínseco. “*Sem a palavra de Deus, a água é apenas água e não batismo*” (Catecismo da Igreja Católica, 1993)

## REFERÊNCIAS

CÂMARA, Helder. **Utopias Peregrinas**. Editora UFPE, Recife: 1993.

CANSI, Frei Bernard. **O Novo Catecismo: a celebração do mistério Cristão**. Ed Vozes, 1993.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Gallardo. Ed Bertrand Brasil, Rio de Janeiro: 1990.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos, e Outros Episódios da História Cultural Francesa**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1986.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Trad. Ruy Jungman. ed Zahar, Rio de Janeiro: 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. LTC, Rio de Janeiro: 1989.

LIBÂNEO, J. B. **Evangelização e Ideologia**. In: Convergência, ano VIII, n. 88, Petrópolis: 1975.

LIMA, Jackson. **Estudos filosóficos em Sergipe**. Sociedade Editorial em Sergipe, Aracaju: 1995.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. 2 ed. Rio de Janeiro: 1972.

MONTENEGRO, J. A. **A Evolução do Catolicismo no Brasil**. ed. Vozes, Petrópolis: 1972.

NOVINSKY, Anita. **Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresias, e arte**. Edusp, São Paulo: 1987.

Revista Educar-se, Secretaria do Estado do Desporto e do Lazer. texto **A formação do Homem Civilizado**. Jorge carvalho do Nascimento, ano 1, n 03, Aracaju: março 1997

STORNIOLLO, Pe. Ivo. **Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje**. 9 ed, editora Paulus, 1997.

TOBIAS, J. **A História das Ideias no Brasil**. EPU, São Paulo: 1987.

WARDE, Minam Jorge. **Americanismo e Educação: a fabricação do “Homem Novo”**. Projeto de Pesquisa do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação, História, Política e sociedade. PUC, São Paulo: 2000.

WOORTMANN, K. **Religião e Ciência no renascimento**. Ed Universidade, Brasília: 1997.

Recebido em: 03/07/2015

Aprovado em: 03/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: